

O léxico do português do Brasil em dicionários

Maria da Graça Krieger

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KRIEGER, MG. O léxico do português do Brasil em dicionários. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 391-400. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



O léxico do português do Brasil em dicionários

Maria da Graça KRIEGER
UNISINOS-RS

Dos pressupostos

O léxico é um componente de muitas faces e que ocupa um lugar central nas línguas. Torna-se, em consequência, um ponto de cruzamento de distintos estudos linguísticos. As várias possibilidades de abordagens, relacionadas à feição multifacetada da palavra, seja no plano de sua constituição morfológica, seja no de seu papel na articulação do discurso, seja ainda na interligação com o mundo exterior, justificam a diversidade de campos gramaticais, históricos, linguísticos e discursivos que ao léxico se voltam ou que com ele se interconectam.

Nesse amplo universo investigativo, alguns campos privilegiam a descrição de partes constitutivas das unidades lexicais ou de seu funcionamento, conforme o objetivo perseguido. Outras áreas estudam as unidades lexicais com fins aplicados, como a identificação e estabelecimento das unidades lexicais das línguas para registrá-las em dicionários. Define-se aí a tarefa que toma a si a lexicografia, evidenciando que o estabelecimento do componente léxico de um idioma e sua correspondente produção dicionarística possuem destinos cruzados. Tal pensamento justifica-se, tendo em vista que o registro sistematizado do léxico confere ao dicionário o estatuto de instância de legitimação das palavras de uma língua. Essa condição o torna uma espécie de “cartório de palavras”, porquanto fornece a “certidão de nascimento” das unidades lexicais praticadas por uma comunidade linguística. Ao mesmo tempo, essa legitimação é também uma das razões pelas quais o dicionário monolíngue, a mais prototípica das obras lexicográficas, é considerado o paradigma linguístico basilar dos usos e sentidos das palavras e expressões de um idioma. Dessa forma, é neste quadro das funções linguísticas e sociais desempenhadas pelos dicionários de língua, que se alinha aquela que o constitui em espelho e testemunho da memória social da língua.

Considerando esse conjunto de papéis da obra dicionarística, desenvolvemos uma pesquisa que reúne lexicografia e história da língua, fundamentada no pressuposto de que as investigações lexicográficas podem oferecer uma significativa contribuição aos estudos sobre a identidade e a história do português, em particular, do léxico do português do Brasil (PB). Intitulada *A lexicografia brasileira do século XX: parâmetros constitutivos e relações com a identidade linguística do português do Brasil*, essa pesquisa visa, entre seus objetivos:

- Traçar um panorama histórico da lexicografia brasileira do século XX sob o prisma dos dicionários de língua mais representativos;
- Identificar os princípios lexicográficos, bem como os fundamentos linguísticos e ideológicos que regem o estabelecimento formal do léxico do português do Brasil;
- Definir parâmetros para avaliar criticamente a produção lexicográfica brasileira.

Antes de apresentarmos alguns de seus principais resultados, vale lembrar que esse tipo de estudo atualiza a problemática das igualdades e diferenças entre o português europeu e o brasileiro, que, além de antiga, é complexa, estando presente em muitas discussões sobre a identidade do português do Brasil. É nessa mesma direção de pensamento que Rosa Virgínia se manifesta ao dizer que:

A escola brasileira, desde que começou a expandir-se, no século XIX, se pauta, no ensino de português, por uma norma padrão de tradição lusitanizante [...], desconhecendo as mudanças ocorridas no interior do português brasileiro ao longo do tempo (SILVA, 2006, p. 227).

Mesmo sem desconsiderar essa ordem de problemas e o aprofundamento teórico que a envolve, nela não adentramos; diferentemente, optamos por descrever os dados relacionados ao delineamento do português do Brasil com base na produção lexicográfica nacional, cuja carência de estudos sistemáticos é ainda grande.

As bases cronológicas do estudo fixam-se no século XX, porque só nesse período é que o Brasil passou a contar com uma produção lexicográfica de certa regularidade. Mais especificamente, a escolha de tal período justifica-se na medida em que os dicionários de língua portuguesa que passaram a contemplar, de modo sistemático, o léxico do PB só se tornaram realidade no último século. Desse modo, o reconhecimento formal do léxico criado e falado no Brasil é relativamente recente na história da nossa lexicografia, que antes dessa época se confundia com a produção portuguesa. Anteriormente, surgiram apenas algumas obras esparsas e que não alcançaram a repercussão social daquelas que adiante citaremos. Como bem esclarece Nunes (2006), falar da história dos dicionários brasileiros leva a considerar a passagem da lexicografia portuguesa à lexicografia brasileira e a explicitar a especificidade de cada uma dessas tradições, assim como mostrar seus entrecruzamentos, suas continuidades e descontinuidades, suas concomitâncias e defasagens.

Nesse contexto histórico, vale lembrar que a lexicografia monolíngue é uma proposição europeia do século XVII. Países fora da Europa, como os da América Latina, só começam a ter sua própria produção dicionarística em períodos muito posteriores. O retardo deve-se a fatores de natureza política e linguística. O primeiro aspecto refere-se à condição política de colônias da Espanha e de Portugal em sua maioria, e consequentemente às interdições de publicação. O segundo aspecto relaciona-se a dificuldades na determinação de suas identidades linguísticas, já que se trata de línguas transplantadas – o espanhol e o português –, mas que vão assumindo configurações próprias, em especial, no campo do léxico. Por tudo isso, podemos afirmar que a história da lexicografia de um país reflete também a história da construção de sua identidade linguística.

1 Dicionários fundadores

O reconhecimento formal do léxico criado e falado no Brasil por meio da lexicografia se deu a partir de um conjunto de seis títulos, a que chamamos de dicionários fundadores. Para o estudo visado, tais obras foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios:

- Proposta formal de registrar o léxico do Brasil, independente da frequência maior ou menor;
- Extensão da nomenclatura de forma a caracterizar-se como dicionário de língua tipo padrão;
- Dados de publicação que incluem o Brasil.

Este último aspecto – inclusão do Brasil – explica-se na medida em que os primeiros dicionários das obras selecionadas para o estudo compreendem dois grandes blocos de dicionários: aqueles que são originalmente portugueses, mas que passaram a ser simultaneamente publicados nos dois países sob a forma de coedição, e aqueles somente brasileiros. Todos esses critérios formaram um conjunto de indicadores sempre necessários. Entretanto, definiram-se também critérios complementares, tais como: importância do nome do autor, prestígio da casa editorial e número de edições. Esses indicativos não foram considerados obrigatórios no seu todo, podendo valer apenas um deles.

Os critérios nos levaram então a pesquisar os dicionários que consideramos fundadores de nossa história lexicográfica, os quais, como antes mencionado, se dividem em dois conjuntos. No primeiro bloco, em que as publicações são conjuntas – Portugal/Brasil –, encontram-se duas obras maiores com a mesma situação editorial, ou seja, a quarta edição portuguesa é também a primeira brasileira:

- *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo. Sua primeira edição ocorre em Portugal no ano de 1899. A partir da quarta edição (1926), foi publicado em coedição no Brasil;

- *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, cuja quarta edição, 1958, em Portugal, é também a primeira edição brasileira.

No segundo bloco, encontram-se as publicações exclusivamente nacionais:

- *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Hildebrando Barroso e outros colaboradores. A primeira edição desse dicionário data de 1938, tendo chegado ao ano de 1980, por força de suas 13 edições.

- *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, cuja íntegra da publicação em cinco volumes se deu ao longo de cinco anos (1939-1944).

- *Dicionário da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes. Foi a primeira obra publicada por um acadêmico, filólogo que assumiu o projeto lexicográfico da Academia Brasileira de Letras. Seu nome salienta-se na autoria da obra que recebeu a chancela da Academia na publicação. A edição compreende seis volumes, cobrindo um período de seis anos: 1961-1967.

- *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. A primeira edição data de 1975, tendo havido duas edições posteriores.

Para o estudo sobre os brasileirismos na perspectiva da lexicografia do século XX, observamos o registro de um considerável número de entradas, escolhidas aleatoriamente por letras do alfabeto, privilegiando as letras *A, AR, L, M, T, U*, as quais recobrem a totalidade de extensão dos dicionários. Foram examinadas as marcas formais de “*bras*”, tanto na parte inicial dos verbetes, quanto no nível das acepções.

2 A problemática dos brasileirismos

O reconhecimento dos chamados brasileirismos, embora pareça uma simples questão lexicológica, expressa a existência de uma grande heterogeneidade conceitual que acaba por transparecer em nossa produção lexicográfica inaugural. Tanto assim é que:

Tratar de brasileirismos na língua do Brasil é penetrar em um universo de ambigüidades conceituais em que se misturam pontos de vista bastante diferenciados, no que diz respeito à formação de tais expressões nos subsistemas da Língua. (FAULSTICH; STREHLER, s.d., p. 1)

O reflexo da importância desse registro na nomenclatura dos dicionários gerais de língua portuguesa pode ser exemplificado através de passagens de alguns prefácios, logo apresentadas.

Na quarta edição da obra de Cândido Figueiredo, *Novo dicionário da língua portuguesa*, publicada em coedição, Portugal–Brasil, o tema já transparece:

A propósito de linguagem regionalista, verifica-se, sem vaidade, que nenhum dicionário além do meu registrou coisa que se parecesse com mais de dez mil brasileirismos, a que se deu cabida em o Novo Dicionário da Língua Portuguesa. (FIGUEIREDO, 1926, p. VI)

O autor ainda diz:

De facto, entre os próprios pontífices das letras brasileiras ainda se não estabeleceu acôrdo sobre o que deva se entender por brasileirismos, sendo portanto naturaes e legitimas, em tal assumpto, quaisquer hesitações de quem não é pontífice nem ao menos propheta menor. Succede até que, sem sombra de dúvida, numerosos vocábulos, que se registram como brasileirismos, são meras expressões da linguagem geral, conhecidíssimos do povo português. (FIGUEIREDO, 1926, p. VI)

No *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, lê-se sua decisão de não abordar a problemática dos brasileirismos por razões assim explicitadas:

Feito principalmente para Brasileiros, este dicionário não precisa de indicação de brasileirismo para conhecimento da linguagem falada no país. Além disso, não é fácil definir o que seja brasileirismos. Muitos deles são expressões do português falado pelos antigos colonizadores; outros são termos da linguagem comum, os quais, por não terem sido averbados em dicionários lusitanos, foram considerados brasileirismos. (FREIRE, 1940, p.VIII)

No *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, cujo prefácio é assinado por Hamílcar de Garcia, há a seguinte referência ao registro dos brasileirismos:

Todos os vocábulos de uso exclusiva ou preferentemente brasileiros, já dicionarizados ou novamente colhidos em nossos autores, ou ainda diretamente entre o povo, estão não só registrados, mas referidos às regiões onde ocorrem com maior freqüência. (GARCIA, 1958, p. XXVII)

No *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, em sua 13ª edição, cujo prefácio é assinado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, encontramos o seguinte posicionamento:

Não vendo, como alguns, na expressão *brasilismo* uma limitação, alguma coisa humilhante, julgo de todo o ponto necessário designar com ela as palavras ou acepções criadas em nosso país ou que, de uso geral antigo na língua, modernamente só aqui se empregam – brasileirismos natos ou naturalizados. Mostra-se, deste jeito, a nossa contribuição, de um modo ou de outro, para o vocabulário do idioma comum. Não me interessa que certos filólogos portugueses emprestem a *brasilismo* sentido pejorativo: uso o termo como título honroso, e sem desdém chamo *lusitanismos* aos lusitanismos. (FERREIRA, 1980, p. XIV)

As passagens anteriormente destacadas confirmam a diversidade de posições sobre a identidade do léxico típico do Brasil. Não obstante, há uma tendência de registrá-lo e identificá-lo como tal nas nossas obras pioneiras mais significativas. Entretanto, essa heterogeneidade conceitual está traduzida em inúmeros registros lexicográficos, como logo exemplificaremos.

3 Brasileirismos nos dicionários

Conforme antes observamos, há uma tendência de marcação nos nossos dicionários, como a seguir destacamos, a iniciar pelo verbete *macela*.

Quadro 1: Exemplo dos verbetes - Macela

Exemplos de verbetes – MACELA
Com marcação de brasileirismo
<p>Pequeno Dicionário da LP, 4ª ed. Macela, s. f. (V. Camomila); (Bras.) planta medicinal da família das Compostas (Achyrocline satureoides D.C.), também chamada de macela do campo e marcela; - do campo (Bras.); (V. Macela); - do mato (Bras.); planta da família das Aramarantaceas (Telanthera ramosissima Mart.) também chamada de marcela, marcela do mato e perpetua do mato.</p>
<p>Pequeno Dicionário da LP, 13ª ed. Macela, s.f. Camomila; (Bras) planta medicinal da família das Compostas (Achyrocline satureoides D.C.). Var.: marcela Sinôn.: macela-do-campo.</p>
<p>Aurélio, 1ª ed. Macela. [De maça + -ela.] S.f. 1. Camomila. 2. Bras. Erva da família das compostas (Achyrocline satureoides), alvacenta, de capítulos amarelos, cujo talo, folhas e capítulos recendem agradavelmente, e que é usada para chás medicamentosos e para encher travesseiros. [Var.; marcela.]</p>
Sem marcação de brasileirismo
<p>Antenor Nascentes, 1ª ed. Macela (ma'sela) S.f. Planta da família das Compostas (Anthemis nobilis). Palnta da família das Amarantáceas (Mogiphanes ramosissima). (De q.v. e suf. -ela).</p>
<p>Cândido de Figueiredo, 4ª ed. Macela, f. Planta e flor medicinal, amargosa e aromática. Camomila. (De maça).</p>

Em outro exemplo, a seguir apresentado, podemos observar que apenas dois dicionários, mais contemporâneos, fazem o mesmo registro. Este vocábulo não está presente nos dicionários de Cândido de Figueiredo e o Pequeno (4ª e 13ª ed.) e Antenor Nascentes registra a entrada, mas não marca como brasileirismo.

Quadro 2: Exemplo dos verbetes - Araçari-Banana

Exemplos de verbetes - ARAÇARI-BANANA
<p>Aurélio, 1ª ed. Araçari-banana. S. m. Bras. Ave piciforme da família dos ranfastídeos, [...], do S.E. do Brasil. Dorso ocre com tonalidade oliva; parte ventral amarela; bico verde na ponta e azulado na parte alta, com malha cor de sangue guranecendo-lhe a parte posterior, e rebadilha vermelha. [Sin.: Araçar-branco. Pl.: Araçar-bananas e araçaris-banana.]</p>
<p>Caldas Aulete, 4ª ed. Araçari-banana, s.m. (Bras.) Variedade de araçari.</p>

O Quadro seguinte traduz a tendência de marcações díspares em relação ao mesmo vocábulo. Todos os dicionários registram a entrada, mas nem todos marcam como brasileirismo, como podemos visualizar No Quadro.

Quadro 3: Exemplo dos verbetes - Tacacá

Exemplos de verbetes – TACACÁ	
Com marcação de brasileirismo	Sem marcação de brasileirismo
<p>Aurélio, 1ª ed. Tacacá [Do caribe taka'ká] S. m. Bras., AM e PA. Mingau quase líquido de goma de tapioca temperado com tucupi, jambus, camarão e pimenta.</p>	<p>Antenor Nascentes, 1ª ed. Tacacá. (taka'ká) S. m. Mingau de tapioca com tucupi (Pará). (Do tupi (Taka'ká).</p>
<p>Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, 13ª ed. Tacacá s. m. (Bras. Amazonas e Pará) Mingau de tapioca temperado com tucupi, camarão e pimenta.</p>	<p>Cândido, 4ª ed. Tacacá, m. Iguaria picante do norte do Brasil, espécie de caldo grosso de mandioca.</p>

Além disso, o dicionário de Cândido de Figueiredo e o de Antenor Nascentes definem TACACÁ como uma iguaria brasileira, mas não registram como brasileirismo. O dicionário de Antenor Nascentes registra também a etimologia do vocábulo, o Tupi.

No próximo exemplo, podemos perceber que a etimologia do Tupi é uma marca que evidencia o léxico pertencente ao PB. Entretanto, o dicionário de Antenor Nascentes registra a etimologia do Tupi, mas não marca como brasileirismo.

Quadro 4: Exemplo dos verbetes - Araguirá ou Araguari

Exemplos de verbetes - ARAGUIRÁ ou ARAGUARI
<p>Aurélio, 1ª ed. Araguirá. [Do Tupi arawí'rá, 'pássaro da aurora'.] S.m. Bras. V. tico-tico-rei.</p>
<p>Cândido, 4ª ed. Araguari, m. Bras. Espécie de arara.</p>
<p>Antenor, 1ª ed. Araguirá (aragwi'ra) S.m. Pássaro da família Fringilidas, também conhecido por tico-tico-rei. (Do tupi arawí'ra, pássaro do dia, da aurora).</p>

Além da diferença em relação à marcação dos brasileirismos nos dicionários, é comum também a diferença de níveis e tipos de registros. Como exemplos, salientamos a acepção de *macacão* do dicionário de Caldas Aulete, que marca como figurativo (Fig.) “*sujeito feio e grotesco*”, e a do dicionário Aurélio, que marca como um brasileirismo (Bras.) “*Indivíduo grotesco*”:

Quadro 5: Exemplo dos verbetes - Macacão

Exemplos de verbetes – MACACÃO
<p>Caldas Aulete, 4ª ed. Macacão, s.m. homem solerte, manhoso; intrujão finório. Bras. Vestimenta de mecânico, geralmente de mescla azul, composta de blusa e calças em uma só peça; macaco, macaco-fato (Port.). Macaco grande. (Fig.) Sujeito feio e grotesco.</p>
<p>Aurélio, 1ª ed. Macacão (aum. de macaco) S.m. 1. Sujeito finório, astuto, manhoso. 2. Bras. Indivíduo grotesco. 3. Bras. Vestimenta inteiriça, folgada feita de tecido consistente, usada por operários, mecânicos e outros trabalhadores braçais. 4. Bras. Vestimenta esportiva, semelhante a essa, para homem e mulheres.</p>
Confirmação de brasileirismo
<p>Academia das Ciências de Lisboa, 2001 Macacão. s. m. (De macaco + suf. -ão). 1. Aum. De macaco. 2. Pop. Homem sabido, astuto, manhoso. 3. Bras. Homem feio e grotesco. 4. Peça de vestuário que cobre o tronco e os membros, usada por alguns trabalhadores como proteção ≈ FATO-MACACO. 5. Peça do vestuário sem mangas, que cobre o tronco e os membros inferiores. <i>A grávida trazia vestido um macacão.</i></p>

Algumas breves conclusões

Os resultados do estudo comprovam que existem muitas disparidades de registro. Há, contudo, uma regularidade interessante, que aparece, quando se observam os itens lexicais e suas correspondentes temáticas. Entre elas, são predominantes: flora, fauna, nomes de tribos indígenas e alimentação, conforme observamos no quadro a seguir:

Quadro 6: Temáticas predominantes

TEMÁTICAS PREDOMINANTES			
FLORA	FAUNA	NOMES INDÍGENAS	ALIMENTAÇÃO
Abacate Araçá Aranhagato Macela	Arabóia Aracu Aracanguira Tabarana	Ababás Aracaju Mabiús Tabajaras	Arabu Araçazada Macarronada Tacacá

As temáticas predominantes merecem duas observações:

- a) a etimologia dos brasileirismos: o domínio do Tupi, a língua mais comum da população indígena; em menor escala, encontram-se as palavras das línguas africanas, trazidas pelos escravos;
- b) as próprias temáticas são representativas de palavras relacionadas à natureza física do país e de suas culturas mais típicas ou exóticas, e, como tal, distintas do mundo europeu. Este, certamente, é o critério maior de demarcação de fronteiras entre o PE e a variante brasileira.

Todos esses dados comprovam que os estudos lexicográficos de caráter histórico oferecem importantes subsídios para recuperar os passos do percurso constitutivo de um idioma que é transplantado, caso do PB em relação ao de Portugal. Nesse tipo de transplante, a identidade linguística não é da ordem da fala, apenas da língua, representada por um léxico novo, de acordo com os registros dos dicionários. O recorte lexical operado, conforme mencionado no campo das temáticas, é o princípio de identificação comum a todos eles. Tal recorte traduz, portanto, as bases lexicográficas de identificação dos itens léxicos do português do Brasil a despeito da não uniformidade conceitual e metodológica que perpassa a organização de nossos dicionários fundadores.

Referências

- FAULSTICH, E.; STREHLER, R. [S.I.] *A propósito de brasileirismos*. Disponível em: <http://www.unb.br/il/liv/enilde/documentos/Brasileirismos.pdf>. Acesso em: 21 out. 2009.
- NUNES, J. H. (2006). *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes.

Dicionários:

AULETE, C. (1958). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta. 5 v.

FERREIRA, A. B. H. (1975). *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FERREIRA, A. B. H. (1980). *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 13 ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Civilização Brasileira.

FIGUEIREDO, C. (1926). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Lisboa: Editora Arthur Brandão e C.^a.

FREIRE, L. (1939–1944). *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora A Noite.

INSTITUTO de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo. 2 v.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006). Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia.

NASCENTES, A. (1961-1967). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Bloch Editores.

PEQUENO Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Hildebrando Barroso e outros colaboradores (1938). Rio de Janeiro/São Paulo: Civilização Brasileira.

